O filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, lançado em 1989, conta a história do professor de inglês John Keating, que entra como substituto na Welton Academy, uma escola preparatória estadunidense para meninos, extremamente rigorosa e tradicional. Keating mostra para seus jovens alunos um novo ângulo para a vida acadêmica através da literatura, que até então era um tema de nenhum interesse para eles.

Keating, ex-aluno da escola, visa motivar nos alunos a liberdade do pensar, ato que era revolucionário tanto na vida do corpo discente quanto para a escola. Com isso, suscita os alunos a criarem um grupo literário, de nome “Sociedade dos Poetas Mortos”.

O que sucede este fato são novos questionamentos feitos pelos jovens a respeito de seu lugar na sociedade, e estas questões se fazem problemáticas para a escola, cujos valores tradicionais são postos em risco a partir desta situação. Sendo assim, John Keating é demitido. O lema para o professor e seus alunos é o *carpe diem*, filosofia que motiva o aproveitamento da vida, que nos é tão passageira.

A efemeridade da vida e a passagem do tempo também é um tema discutido no filme pela subtrama da personagem Neil, cujo desejo de ser ator ia contrário ao do pai, que o força a ser médico. Ao perceber que sua vida não ia ser de acordo com suas próprias vontades, resolve tirá-la a fim de finalmente tomar as rédeas de sua condição.

Aqui, temos outra questão: os alunos que frequentam essa instituição são todos homens ricos, brancos e repletos de privilégios, e sofrem pressão dos pais – de grande maioria ex-alunos da escola – por um padrão de excelência que nem sempre conseguem atingir.

Além disso, por a escola ser uma preparatória para as maiores universidades dos Estados Unidos, as *Ivy Leagues*, é esperado deles apenas que sejam corpos disciplinados que no futuro seguirão profissões de alto prestígio como médico, advogado e bancário.

Para tal, um dispositivo Foucaultiano usado pela escola é o espacial. A relação de poder da escola sobre o aluno se dá pelo ambiente opressivo do internato, tal qual o de uma unidade prisional, no qual a falta de janelas e as cores escuras, por exemplo, forçam a seriedade e, em tese, a disciplina.

John Keating, a fim de subverter o poder da instituição sobre aqueles corpos também se utiliza do aspecto espacial. Ao subir na carteira escolar, o professor está transformando um objeto que outrora servia para limitar a visão e reter o aluno em um pequeno espaço em um objeto repleto de significado; poder ver a sala de aula por outro ângulo significa ocupar um espaço e se empoderar nele. É tomar para si a liberdade de questionar abertamente aquele ambiente.

Ainda na perspectiva Foucaultiana, é através da dicotomia *saber* e *poder* que se dão os famosos quatro pilares da Welton Academy: tradição, honra, disciplina e poder.

Os alunos da escola são regidos por estes pilares e seguem-nos cegamente, justamente pela microfísica de poder que se dá dentro do internato, com uma forte ação disciplinadora do corpo diretor e também dos professores, que punem os alunos por qualquer comportamento fora do escopo da escola, como sair sem autorização, conversar com meninas, etc.

Além disso, graças à atmosfera meritocrática que se dá na instituição, os próprios alunos são motivados a tentar prejudicar uns aos outros, sendo por instigações dos professores ou até mesmo punições físicas – tenho aqui em referência a cena em que Charlie “sai da linha” ao fazer uma piada no jornal da escola e é punido com fortes palmadas na bunda até denunciar os colegas que também compunham a sociedade dos poetas mortos.

A fraternidade entre os alunos só se dá quando todos se juntam para se rebelar, seja falando sobre meninas, procurando estações de rádio ou, finalmente, na constituição da sociedade dos poetas mortos, na qual os adolescentes encontram uma forma de expressão e liberdade de pensamento através da leitura.

Ainda sobre a meritocracia, muito abordada como um instrumento que serve para romper a solidariedade entre os iguais, temos o texto de Luiz Carlos de Freitas, “Os Reformadores Empresariais da Educação”. O texto aborda diversos temas que podem ser relacionados aos sujeitos deste filme, em especial o do “neotecnismo”, que envolve a responsabilização, a meritocracia e a privatização.

O neotecnismo em *Sociedade dos Poetas Mortos* se dá, a princípio, pela privatização, já que é fato que se trata de uma escola particular de pensamento liberal e cunho religioso (dado evidenciado na primeira cena do filme, na qual a cerimônia de início do ano letivo se dá em uma igreja).

A respeito da responsabilização, temos a culpabilização do professor John Keating pela falência do método imposto pela escola, que era similar ao de uma linha de produção industrial de saberes, enquanto que o dele, mais voltado à visão pedagógica do aprendizado, abria espaço para a visualização por parte dos alunos das falhas do primeiro.

Isto nos remete à meritocracia novamente, que implementa parâmetros de competitividades entre os pares e não recompensa necessariamente os esforços feitos pelos professores e alunos. A demissão de Keating faz parte do reforço da meritocracia a grosso modo, visto que ele não cumpre com o que a escola vende para os pais: um curso preparatório para medicina, economia e direito que se limita a transmitir conteúdos necessários para tal, e não trazer gosto pelas artes.

Apesar de tudo isso, outro fator que deve ser apreciado é o da santificação da figura do professor. No filme, é possível perceber que John Keating é uma personagem que representa a visão idealizada do docente que ama o que faz e que inspira a juventude, e não “apenas” dá aulas. Ao final, sua demissão torna-o um mártir – o professor que é repreendido por ir além dos limites do seu trabalho.

Esta idealização da figura do professor é muito comum hoje em dia, em especial tendo em vista que estes modelos de professores descontraídos que não trabalham em vistas de um salário vistos na televisão e no cinema, são sempre contrapostos aos professores “caretas”, cujo trabalho se limita à transmissão dos conteúdos relativos à disciplina a ser ensinada.

Apesar de muito bem vistos nas telonas, estes professores santificados dos filmes não são bem recebidos nas grandes escolas de elite ainda hoje – assim como Keating não o foi na Welton Academy – tanto pelo corpo docente quanto pelos pais de alunos, que não apreciam o modelo “subversivo” de ensino e temem que os filhos passem a pensar livremente, justamente como foi colocado nos parágrafos anteriores.

A figura do professor não pode ser vista de forma maniqueísta; é uma profissão como qualquer outra e, portanto, claramente tem em vista o salário justo e necessário, já que vivemos no mundo do capitalismo. Isto não demoniza a figura do docente, que também encontra em seu trabalho motivações imateriais.

Além disso, o modo de ensinar também diz muito sobre aquele sujeito, já que como Heloisa Villela mostra em seu texto “O Mestre-Escola e a Professora”, o método nunca é neutro; ele se dá através da escolha de um conteúdo sobre o outro, e é também relativo à escolhas políticas e ideológicas seja por um professor que lê diretamente o que está no livro didático ou alguém como John Keating.

Ainda com base na discussão proposta do texto de Villela, vale a reflexão à respeito de como se dá a formação do professor; seria melhor então que todos os professores recebessem uma instrução padrão de acordo com o desejo do Estado, ou que se tenham profissionais com pensamentos independentes e modos de ensinar variados, trazendo consigo sua própria bagagem de vida e aprendizagem?

No contexto do filme, é possível dizer que ao receberem um novo ponto de vista, os alunos da Welton Academy são positivamente afetados, visto que são instigados a não mais decorar matérias do currículo, e sim a pensarem o conteúdo – no caso a poesia – como um fazer e uma cultura.

É importante frisar que o papel do aluno também é vital dentro da unidade escolar, considerando que é por causa dele que esta instituição existe e que são suas necessidades que devem ser preenchidas. A partir deste ponto, mudo o foco da discussão deste trabalho para os adolescentes retratados no filme, em especial Neil Perry.

Desde o início da trama, a visão que é dada dos alunos é de que eles estão no internato por obrigação e que se sentem forçados a seguir caminhos e, apesar de quererem, não questionam as ordens dos pais. Os meninos procuram se rebelar das formas que podem, mas raramente podem ter tempo de viver a adolescência por conta da alta carga de estudo que devem manter para ter sucesso acadêmico.

Quando conversam, fica claro a curiosidade e o desejo de saber mais do que Latim, Física e Trigonometria. Eles falam sobre garotas, amor e fazem piadas o tempo todo, mas sempre são impedidos desta descontração até que descobrem, através de John Keating, a sociedade dos poetas mortos.

Juntos, revigoram a noção do *carpe diem*, em oposição ao tempo da escola, que é aquele próprio do capitalismo industrial. Ao saírem do ambiente que os oprime com o famigerado livro de poesia embaixo do braço, estão pausando aquele tempo que tanto impõe e atribuindo a ele uma noção diferente, a do aproveitamento da vida no presente.

Aqui, é possível estabelecer um paralelo com o texto “O Papalagui não tem Tempo”, de Eric Scheurmann, já que nele, o chefe da tribo Tiavéa comenta a respeito do homem moderno (Papalagui) e o quanto ele reclama do tempo, que para ele é medido de forma muito estranha.

O tempo do sino, do intervalo, dos esportes e do toque de recolher é posto de lado quando os adolescentes se encontram na caverna para se divertir. Apesar disso, o filme também demonstra como o tempo é efêmero e trás a seguinte reflexão – o que realmente é importante na vida?

O significado de *carpe diem*, de certa forma, vai contra este tempo do relógio e do capitalismo que o chefe dos Tiavéa tanto aborda no texto e que Thompson também reflete sobre em seu texto “Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial”. Trazido do Latim, o termo que é tão frisado por Keating busca recuperar uma noção de tempo prévia àquela imposta após a Revolução Industrial.

Este tempo agora é o próprio da vida no campo e representa uma filosofia e uma ideologia que o professor incorpora em seus ensinamentos. É importante ter em mente que nos encontros noturnos dos alunos, o que eles buscam é justamente o *carpe diem*; o aproveitamento do tempo para fazer aquilo que eles julgam importante e agradável, fora do escopo acadêmico.

Quem mais vive dentro desta filosofia é Neil Perry, que decide se impor e não só criar a sociedade, mas também participar da peça Sonho de uma Noite de Verão escondido do pai, que não aprovaria o foco do tempo do filho em algo que não fosse o estudo para a escola de medicina. Apesar de tentar aproveitar seus dias, Neil sofre uma grande desilusão ao perceber o desapontamento de seu pai ao descobrir a peça e ao ser repreendido pelas atitudes que estava tomando. Com isso, o pai que tanto queria que seu filho aproveitasse o tempo da forma que ele achava a melhor possível, se vê sem Neil, que se suicida e, portanto, não tem mais tempo para aproveitar a vida e nem para fazer medicina.

Em luz dos fatos citados neste trabalho, é importante frisar que o papel do sujeito é central para a educação, visto que são tanto os docentes quanto os alunos que movem a maquinaria escolar. O filme *Sociedade dos Poetas Mortos* propõe uma abrangente reflexão sobre diversos temas, mas foca definitivamente no quanto um educador pode tocar seus alunos de formas inesperadas.

A morte de Neil Perry e a demissão de John Keating podem até ser fatores que contribuem para uma noção negativa do tema, mas com certeza apenas servem como força para estabelecer uma maior discussão a respeito dos vários aspectos da educação, já que ela é diversa e envolve muitas esferas sociais e históricas.